

Abertura

Beatriz Azeredo

Diretora do Instituto Desiderata

Roberta Marques e Luana Lemgrüber

Área de Educação

Kátia Edmundo

Coordenadora Geral do Cedaps

Relato de experiência

Ana Elisa

Diretora da Escola Municipal

Amorim Lima - SP

Pedagogia de Projetos

Adélia Koff,

Educadora - RJ

Debates

Um diálogo entre a realidade

da escola e os relatos

**Sugestões
e encaminhamentos finais**

1ª reunião do grupo de trabalho com educadores das escolas municipais de segundo segmento do ensino fundamental - RJ

Julho 2011

LOCAL: FIRJAN, RIO DE JANEIRO

Na perspectiva de iniciar um processo de construção coletiva, 35 escolas foram convidadas para pensar, planejar e trocar experiências junto com as convidadas Ana Elisa Siqueira e Adélia Koff

Na 1ª reunião do GT que contou com a participação de diretores, coordenadores e professores de 17 escolas com segundo segmento e da Subsecretária de Ensino, Helena Bomeny, no dia 19/07 na Firjan, o Desiderata convidou duas educadoras de referência para fazer um relato de experiência e

provocar o grupo sobre os desafios do segundo segmento. Ana Elisa Siqueira, Diretora da Escola Municipal Amorim Lima, SP e Adélia Koff, professora da PUC-Rio fizeram contribuições relevantes para o grupo proporcionando um debate acerca da Pedagogia de Projetos.





“Esse é um momento muito especial de uma trajetória que estamos trilhando junto com vocês desde 2010.”

Beatriz Azeredo
Diretora do Instituto Desiderata



“A expectativa é que possamos refletir juntos sobre como pode funcionar esse grupo e onde nós queremos chegar com ele, quais são as possibilidades de trabalho e de construção coletiva. Pensamos que seria interessante

trazer aportes de outras experiências como contribuição e provocação para o debate. Neste sentido, pedimos a colaboração da Adélia e Ana Elisa para nos ajudar a pensar como podemos caminhar juntos.”



SEGUE A TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO

ANA ELISA SIQUEIRA

Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Amorim Lima

EM AMORIM LIMA - BUTANTÃ, SÃO PAULO - PRÓXIMO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA, USP

860 ESTUDANTES | ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 9º ANO

Em primeiro lugar, eu não estou falando só por mim, o projeto é absolutamente coletivo. Ele não foi construído por uma direção de escola, isso seria impossível.

Eu vou contar um pouco como que nós fomos mudando uma realidade de escola. Vou contextualizar para vocês entenderem como a transformação aconteceu. Não veio de cima para baixo, não foi uma transformação que a secretaria municipal de educação propôs. Vou contar um pouco desse percurso.

Diversidade

Por estar localizada perto da USP, a escola abarca crianças de famílias com pouca escolaridade e ao mesmo tempo crianças de núcleos familiares com muita escolaridade. Como alguns pais estão fazendo mestrado ou doutorado na USP acabam colocando os filhos na EM Amorim pela proximidade. Então, é uma escola que tem essa diversidade, o que ajuda bastante na discussão pedagógica.

Conselho de Escola

Na cidade de São Paulo nós temos o Conselho de Escola deliberativo: o diretor não pode tomar decisão sozinho, ele tem que levar as decisões e as questões que serão propostas para o conselho de escola. E quando o conselho de escola ajuda e tem disponibilidade para participar e discutir as questões pedagógicas da escola, isso faz uma diferença enorme. Quando eu passei no concurso de diretor eu escolhi a Amorim por causa disso. **Era uma escola que já tinha uma participação da comunidade e nós fomos fomentando cada vez mais essa participação.** As primeiras ações foram muito básicas, por exemplo: a festa junina criava uma expectativa enorme na comunidade. Começamos por aí, pensando como faríamos uma festa junina pautada no que é genuíno da nossa cultura. Discutimos o que é cultura e escolhemos as músicas, coisas assim muito simples. Mas ao



Ana Elisa Siqueira

mesmo tempo essas coisas muito simples foram trazendo a comunidade para dentro da escola com muita força. A festa foi um sucesso absoluto.

Entrada das mães do 1º ano na escola

Criamos o grupo de mães, que naquele momento vinham com a perspectiva de cuidar dos próprios filhos na hora do recreio. Todo mundo ia ajudar o horário do recreio, tendo em vista que a escola tinha três funcionárias que cuidavam da alimentação, da limpeza e do cuidado do recreio. Então, era quase impossível. Dizíamos: a realidade da escola é essa, como podemos fazer? Então essas mães vinham para ajudar a cuidar do recreio, mas na verdade elas estavam querendo cuidar do próprio filho. Na medida em que elas vinham para cuidar do próprio filho, na hora do recreio os filhos fugiam delas. Na verdade, elas começaram a descobrir: mesmo que a criança reclame da escola tem uma coisa que é o mundo delas e que não é o lugar da mãe. Isso propiciou que aquelas mães percebessem muito rapidamente que não adiantava elas entrarem na escola para cuidar do próprio filho, que isso não ia mudar a escola, isso não ia melhorar o coletivo da escola, que **elas tinham que entrar na escola para cuidar de todas as crianças. Isso possibilitou uma discussão política.**

Olhar para escola

Tivemos a sorte de ter uma mãe vinda de Recife, com os dois filhos na Amorim, estudando na USP cultura brasileira. Ela entra na discussão com as outras mulheres sobre quais eram as suas **brincadeiras da infância** e como elas poderiam ajudar na hora do recreio, ficando disponíveis para colaborar nas brincadeiras. Então ela foi introduzindo um trabalho com essas mulheres para assim elas comecem a **olhar de outro jeito para a escola, de um jeito muito mais coletivo, muito maior.**

Como não controlamos o olhar, as mães começaram a não só olhar o recreio como a olhar a sujeira da escola, os funcionários e os professores que faltavam... Enfim, todos os problemas e dramas que vivemos todos os dias na escola. E aí, todos esses problemas foram para o Conselho de escola com uma força que vocês podem imaginar. **Antes as mães não sabiam direito o que acontecia, mas quando elas adentram a escola, elas começam a ter clareza de como a escola se dá no dia-a-dia.** Então, todos esses problemas vêm à tona no Conselho de Escola para começarmos a pensar.

Quando existe uma discussão política coletiva isso faz mais eco.

Isso tudo faz com que os pais peçam para a direção preparar um seminário explicando quais eram as leis que regem o ensino municipal e o estatuto do magistério. E aí, os pais vão se dando conta de como funciona e por que o ensino fundamental funciona assim. Começaram a pedir reunião com os educadores para discutir as leis. Vocês imaginam o grau de conflito que chegou a escola: os professores no primeiro momento achavam que a diretora era contra os educadores e estava a favor dos pais. E não era nada disso, **a gente estava a favor de uma escola melhor.**

Como a gente constrói a escola que queremos?

Chegamos num momento no conselho de escola que percebemos que a escola que tínhamos não era a escola que queríamos. E como a gente faz essa escola? Tivemos a sorte de nos deparar com a Escola da Ponte em Portugal, **nos inspiramos nela para fazer toda transformação na nossa realidade.**

Começamos a mudança na escola nas duas pontas do

ciclo, com o 1º e 5º ano, pois não tínhamos perna para dar conta de todo mundo, isso nós tínhamos clareza. Outra coisa importante que aconteceu: na hora que fizemos toda essa discussão, nós tivemos o apoio da secretaria municipal. Escrevemos o projeto e os pais foram atrás da SME para tentar essa mudança. A Secretaria Municipal de Educação - SP topou por conta de três questões básicas: a secretaria tinha investido em formação de professor e não via a mudança na prática; ela tinha os professores contratados, porém continuava com a falta de educadores dentro da rotina escolar; **ela queria ver se um projeto feito dentro da própria escola, construído pela comunidade escolar fazia uma diferença e criava outra cultura naquele local.**

Objetivos que levantamos para pensar a organização deste projeto

- Proporcionar a formação global de todos os envolvidos
- Construir a autonomia moral e intelectual dos estudantes
- Garantir direitos: educação com qualidade, com período completo de aulas
- Incentivar o compromisso com o conhecimento
- Estimular e orientar o trabalho em grupos estruturados
- Promover a convivência com responsabilidade pessoal e coletiva
- Assegurar o respeito aos tempos e processos pessoais de aprendizagem

A Minha Vida na Escola

Oi! Eu vou contar para você como foi o meu semestre na escola Amorim Lima!

A escola tem um projeto tirado da Escola da Ponte, lá de Portugal. O projeto é de 1ª e 2ª série e de 5ª e 6ª série. Quando chegou o primeiro dia de aula, eu fiquei super feliz, porque eu estava no projeto. Depois do primeiro dia até hoje eu aprendi muitas coisas. Eu aprendi o que é projeto, o que é tutoria, porque foi feita essa mudança na escola, para que serve essa mudança. Aprendi a conviver com os meus colegas, a trabalhar em grupo, a explicar o que fiz, no plano de estudos. Sobre as lições, eu aprendi o que são números naturais, a diferença entre biografia e autobiografia, aprendi o que é uma xilogravura, gravura em metal, aprendi como que é feita a reciclagem, do que é feito o papel, o vidro, o plástico etc... Aprendi a pesquisar no computador, internet, aprendi sobre artistas plásticos, sobre vidas diferentes, sobre sonhos, aprendi sobre os solos, terra. Sobre áreas verdes, aprendi sobre a evolução da Terra. Eu aprendi tantas coisas que, se eu ficar aqui contando vou gastar o tempo todo do mundo! Fim!

Natália Peres Pereira, aluna do ciclo II do Ensino Fundamental - 2005

A criança se depara com a possibilidade dela construir o tempo

“Se você respeita o tempo de aprendizagem de cada um e entende que as pessoas aprendem de maneiras diferentes, tudo muda: a angústia muda; o jeito de pensar o tempo muda; as crianças começam a se dar conta da existência do tempo e que eles são donos do tempo deles”.

Carta de Princípios

O projeto não tem regras, o projeto tem princípios. E os princípios têm que valer o tempo todo, em todos os momentos da escola. Na educação física, nas atividades fora e dentro da sala de aula, nas atividades coletivas. Na entrada da escola nós temos a carta de princípios e muitos perguntam se fazemos tudo isso. As crianças dizem que não, a gente ainda não consegue. Mas eles conseguem escrever o que acham importante para a escola, os grandes princípios da escola.

- Todos merecemos ser tratados com respeito;
- Todos temos direito a uma escola tranqüila, limpa e organizada;
- Todos temos que levar a escola a sério;
- Todos temos direito a materiais de estudo e livros limpos e bem conservados;
- Todos temos direito a fazer as refeições em local limpo e tranqüilo;
- Todos temos direito a uma escola que funcione organizada.

Os professores sempre conversam a respeito da carta de princípios, todo ano discutimos com os pais os grandes princípios da escola. Essa é uma forma de termos algumas coisas comuns a todos nós. **Nós sabemos onde queremos chegar.**



DISPOSITIVOS

Trabalho em grupo

A aprendizagem se dá o tempo todo no grupo, onde é valorizada a convivência coletiva e o respeito ao processo de aprendizagem individual. Todos os dias, são organizadas rodas de conversa, onde se discute o trabalho realizado. Essas rodas são momentos exemplares de análise do caminho percorrido, em um exercício diário de reflexão sobre os fazeres da escola.

O grupo é constituído por crianças de diferentes anos. A ideia é não termos classe sala de aula. Então, tudo que nós vemos como formação de sala de aula, nós fugimos! Como é um lugar muito conhecido nosso, nós podemos voltar e perder a referência do projeto.

Tutoria

Espaço de trabalho onde um educador acompanha um grupo de vinte estudantes. Durante o trabalho de tutoria o tutor responsável pelo grupo ajuda seus tutorandos a se organizar e realizar suas atividades pessoais, seus registros e suas tarefas. Este também é um momento privilegiado de trabalho grupal, quando se constroem vínculos profundos tanto com a aprendizagem quanto com as responsabilidades pessoais e coletivas.

Rotina de Trabalho

A rotina escolar dos estudantes é composta por horários de pesquisa nos Salões e horários de Oficinas: de Matemática, Escrita, Projetos Específicos nas Diversas Áreas do Conhecimento, Oficina de Acompanhamento de Roteiro por Eixo Temático, Informática, Dança, Música, Capoeira, Inglês, Artes Plásticas, fazendo um total de 5 horas diárias de trabalho.



No horário de pesquisa nós temos todos os professores no salão. Todos os professores estão convivendo com todos os conteúdos da escola.

Quando começamos o projeto, todo trabalho de cultura que fazíamos fora do horário, foi trazido inteiro para dentro do projeto. Então, as crianças não aprendem só português, geografia, matemática e história. **Todo trabalho de cultura adentra o currículo.**

Oficinas Culturais e temáticas

Nas oficinas temáticas são privilegiadas ferramentas para a construção de novos saberes ou para superar dificuldades nas diversas áreas de conhecimento. Nas oficinas culturais é valorizado o diálogo entre diferentes linguagens e diferentes sujeitos. O objetivo é contribuir para a formação de uma pessoa que tem um corpo, uma história de vida e uma identidade cultural, ampliando sua visão de mundo e sua formação enquanto cidadão brasileiro.

Reuniões da equipe escolar para aprimoramento do projeto

- Reuniões diárias de estudo ao final de cada turno com os educadores (Reunião de Tutores, Reunião de estudo dos roteiros, Reunião com Grupo de Estratégias (discussão sobre inclusão - a escola tem 25 crianças de inclusão), Reunião com educadoras do 1º ano - Alfabetização)
- Reuniões mensais com todos os educadores;
- Conselho Pedagógico (reunião semanal com 3 professores eleitos pelo grupo de professores; 2 intelectuais; 2 pais de alunos eleitos na assembléia de pais)
- Grupo de Risco (reuniões mensais com 1 psicanalista, 1 professor da USP e professores da escola) - este grupo discute estratégias para as crianças em situação de risco na escola

PAUSA PARA PERGUNTAS

Professora Jacilene - EM Henrique Dodosworth

Quais foram os desafios encontrados ao longo da implantação deste projeto, a mudança de uma realidade antiga para uma realidade totalmente nova revirando do avesso?

Tem professores que assumiram o projeto de uma forma muito interessante e estão na escola até hoje e outros professores disseram que não queriam este projeto para sua vida e saíram da escola. A escola começa a ser um lugar que se vai não só porque se mora perto, as pessoas estão lá porque querem este projeto. Hoje a EM Amorim conquistou um espaço dentro da rede municipal onde as pessoas procuram porque querem um projeto dessa natureza. É um projeto muito mais difícil do que qualquer outra escola, o professor tem que trabalhar muito mais, participar muito mais, tem que inventar muito mais horários. A questão da tutoria é muito difícil e tem horas que

é muito desgastante para o educador. É um vínculo que vai se constituindo, ao mesmo tempo em que é muito prazeroso dá muito trabalho. Os professores que estão na Amorim querem viver um projeto diferenciado. Eles estão inventando tudo o tempo todo, o projeto não está pronto por isso que chamamos de projeto ainda, é uma coisa a ser feita. Para cada problema que descobrimos temos que inventar uma solução.

Professora Jacilene - EM Henrique Dodosworth

Qual é o grau de interferência da Secretaria junto ao trabalho de vocês? Vocês tem autonomia? Como uma escola que faz parte da rede consegue fazer um projeto todo diferenciado?

Ana Elisa Siqueira - Primeiro, nós tivemos uma secretária de educação que topou 100% e o secretário que assumiu em seguida também se encantou pelo projeto e o atual

também se encantou. Quando você chega à escola e vê que as crianças aprendem tudo que tem que aprender e muito mais, uma escola onde os professores estão absolutamente comprometidos, a comunidade é absolutamente comprometida, como você vai dizer que essa escola não pode fazer um projeto. Nós temos tudo que todas as

escolas têm: **nenhum projeto da SME entra na Amorim Lima sem pensarmos como vamos dar conta do projeto na nossa configuração. Então, os projetos não caem de pára-quebras. Para tudo que fazemos nós temos que pensar em como usar a favor do projeto. Nós não boicotamos nada que vem da Secretaria, mas usamos a favor do projeto da escola.**

ADÉLIA KOFF
Educadora, PUC-Rio

ESCOLAS, CURRÍCULOS E PRÁTICAS DIDÁTICAS EM TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO.

Utopia

Este grupo escolheu estar aqui por uma utopia, uma utopia que ajuda a caminhar. Ter um sonho nos ajuda a desconstruir certezas. Ouvir a Ana Elisa me fez perceber que o meu sonho não está tão distante assim. É possível sonhar, transformar, mas certamente não terá um modelo. Cada realidade vai nos obrigar a encontrar nossas próprias fórmulas, podendo se inspirar na experiência do outro e na trajetória vivida.



Adélia Koff

Olhar para a escola

Ter a oportunidade de olhar para a escola e dizer: aqui existe alguma coisa que eu possa fazer, apesar das dificuldades, apesar de não ter os recursos, apesar de não ter a autonomia desejada. O que eu posso fazer, enquanto professora, para mudar essa situação?

Conversa em 3 atos - um ponto de partida

1º ato - Os tempos são difíceis e a escola precisa lidar com a complexidade, mas também com os desafios do mundo atual. E os tempos sempre foram difíceis. Cada contexto, cada época tem a sua dificuldade e ela é olhada como um tempo difícil. A sociedade alcançou um nível

de complexidade; parece que vivenciamos uma mudança de paradigma. Talvez não seja uma época difícil, mas uma mudança de época com a qual temos de nos confrontar. E vamos precisar de muita energia para lidar com isso.

2º ato - Nesses tempos de desafios, a escola está convidada a isso, porque ela não é algo fechado. A escola é parte desse mundo. Imagina se a gente pudesse tirar os muros da escola. Esse muro é algo transparente porque vai dialogar com o mundo que vivemos. E tem crise no mundo, ambiental, ética, de paradigma, mas também há avanços. Temos, de um lado, exclusão, globalização, modelos de produção perversos, mas por outro lado, a globalização permite acesso às tecnologias e aos conhecimentos numa outra velocidade. A escola continua com aquele mesmo formato, com o mesmo modelo, pelo menos na maioria dos casos. Também não podemos dizer que é só assim, a escola também avançou. **Temos que falar no plural: são escolas.** E são polissêmicas, com muitos significados. Cada um está lidando com um conceito de escola, uma possibilidade de escola. Mas, com todos os avanços e ajustes que já fizemos, o modelo da escola seriada e centralizada ainda se encontra engessado. A escola que não fala a linguagem do seu tempo e espaço é uma escola que tende a... Alguns dizem: “tem futuro essa escola?”. **A escola já tentou avançar e, talvez, ela tenha que dar um salto qualitativo ainda maior, tem que fazer rupturas ainda maiores.**

Reinventar significa repensar, ressignificar e, muitas vezes, fazer algo novo. Um novo alimentado pela experiência que, certamente, nós carregamos. Não somos tabula rasa, da mesma maneira que o nosso aluno, quando chega à escola, não é tabula rasa. Ele carrega sua trajetória de vida, seus valores, sua cultura, sua maneira de olhar o mundo.

Em que direção eu quero reconstruir e reinventar essa escola? Qual é o meu horizonte? A reinvenção da escola não trata somente de mudança metodológica, ou mudança na cor da escola ou mudança no material didático. Tem que se pensar nas diferentes dimensões que fazem parte da reinvenção e na complexidade de dimensões que a envolvem. Então, temos que pensar: qual a função social da educação e da escola hoje? É permitir acesso ao conhecimento sistematizado? A escola é lugar de transmissão de conhecimento, é lugar de formação moral, de conduta, de caráter? É lugar de acolhida da diversidade e, nessa acolhida, de construção do conhecimento, sistematizando outros saberes na lógica da vivência? A função da escola é formar cidadãos para se adaptar ao mundo vigente ou para serem sujeitos de construção de outro mundo? Talvez, a escola tenha que trabalhar com tensões: entre adaptação e avanço.

Devemos enfrentar a universalização da escola. Todo mundo na escola. Escolas grandes, muitos alunos, muitos professores. E como se lida com grandes números e se mantém qualidade? Essa é outra tensão: qualidade e quantidade.

Temos de lidar com outras concepções curriculares, com outras concepções de práticas educativas, de desinteresse, evasão, onde a estatística não é suficiente. Por que essas questões ocorrem? O diagnóstico e as causas estão, mais ou menos, elencados. O problema é saber como enfrentar essas causas olhando para as possibilidades. A nossa tendência é dizer onde está o problema. Mas, como exercer uma função política enquanto educador? Qual o compromisso com a transformação da escola e da educação hoje? Temos que repensar processos, avaliação.

Qual o significado da escola?

- A escola é feita de pluralismos, de multiculturalidade de sujeitos. Deve-se olhar para essa diversidade como riqueza. Isso faz diferença quando se trabalha com conhecimento: o objeto fundamental da escola. A diferença pode ser usada como vantagem pedagógica porque pode haver troca, a possibilidade de tutoria mútua.
- O conhecimento precisa fazer sentido. Se não faz sentido, ele perde essa função de formar o cidadão com capacidade de transformação.
- É preciso reinventar o ofício de professor.
- Não é possível fazer escola hoje fora da proposta de trabalho coletivo, devido ao tamanho e complexidade do trabalho escolar.

3º ato - processo de recontextualização do contexto escolar:

- Reconfigurar o ofício do professor e do aluno: o professor polivalente, o aluno protagonista, o trabalho coletivo de alunos e professores, professores que pesquisam junto;
- Apostar no diálogo com outras práticas. A escola tem que se abrir para outras práticas sociais;
- Fazer da escola um lugar muito mais prazeroso, um lugar rico, lúdico e, portanto, que seja um espaço de busca, de construção, de diálogo, de confronto, de prazer com o desafio, de conquistas de espaços, descoberta de diferentes possibilidades, de diversas linguagens.

DEBATE: UM DIÁLOGO ENTRE A REALIDADE DA ESCOLA E OS RELATOS

Helena Bomeny - Subsecretária de Ensino

Estamos experimentando novos modelos na rede na tentativa de ampliar o espaço escolar, de ampliar a própria escola e sua dimensão. São os Ginásios Experimentais Cariocas e o 6º ano Experimental com professores trabalhando de uma forma polivalente, este é o modelo que todos nós estamos apostando. Uma reforma que iremos ampliando ano a ano. Em 2012 nós deveremos

ter mais 10 Ginásios Experimentais, totalizando 20 Ginásios. Teremos as escolas de turno único, por conta da lei, todas as nossas escolas terão que estar em turno único de 7 horas.

Recebemos o parecer do Conselho Municipal de Educação, apoiando o 6º ano com professor P2 (formação de nível superior) trabalhando todos os conhecimentos do 6º ano. Temos 53 turmas funcionando desta forma e a Claudia Costin

(Secretária Municipal de Educação) pretende que vire lei permitindo ampliar de forma significativa essa experiência. Agora o aluno passa a ter quatro professores ao invés de nove professores: um professor de turma, um professor de língua estrangeira, um professor de educação física, um professor de artes. Na quarta-feira as aulas são de artes, educação física e língua estrangeira, assim o professor de turma fica liberado para fazer sua capacitação.

Sobre os centros de estudos: notícia para o 1º ao 5º ano, em 2012 teremos um espaço maior de centros de estudos para o professor. Faremos com que o professor tenha o centro de estudos semanal.

Educadores presentes perguntam ao mesmo tempo: E os centros de estudos para o segundo segmento? Nós só temos 2 por ano!

Helena disse que isso também será reformulado para 2012.

Diretora Eliane - Ciep Vicente Mariano

O grande desafio da escola hoje: primeiro é o professor entender que pensar o currículo integral, fazendo interface com outros conhecimentos, não significa que ele perca a sua importância enquanto mediador, enquanto alguém que está contribuindo para produção do conhecimento. Outro dia ouvi a Viviane Mosé falar sobre educação: o Google e as novas tecnologias fazem com que a escola não precise inculcar uma série de informações para a criança. A grande importância da escola é o tratamento dessas informações, é discutir com o aluno as questões atuais. Não devemos perder tempo listando conteúdos para os alunos. **Precisamos compreender que o momento é outro: pensar em como lidar com o conhecimento do aluno e trabalhar de forma integral.** A escola, principalmente o



Diretora Eliane

segundo segmento, ainda está muito sensível para tocar neste tema. Essa é a minha provocativa na escola: como reinventamos a escola sem buscar culpados.

Coordenadora Pedagógica Ivanda Dantas - EM Milton Campos

Adélia, sua fala me deixou muito tranqüila desejando que você fosse ouvida por um maior número de professores. Quando ouvi a fala da Ana Elisa eu vi o ciclo, o reagrupamento... nós já vivemos isso, não é novidade. **A grande questão é: como nós, coordenadores e diretores, colocamos isso em prática.** Como despertamos no grupo a vontade de mudar. Eu fiquei maravilhada com a sua fala querendo que todo mundo ouvisse, para quem sabe, construirmos uma escola de qualidade para todos como sempre desejamos.

Professora Jacilene - EM Henrique Dodsworth

O sentido talvez dessa escola hoje não tenha sido “sentido” ainda porque faltou ou está faltando tempo para todos nós professores pensarmos na dimensão do que é o ser humano hoje. Nós professores estamos no coletivo, mas é um coletivo sem estar juntos. Por isso, muitas vezes queremos estar junto do aluno e não de um colega. Porque nos vemos ainda como estranhos, a medida que nos vemos como estranhos, tudo se torna estranho. Quando não temos esse sentido, tudo fica muito teórico. Infelizmente não temos espaço para transformação desse teórico na prática e assim formar outras teorias na prática. Todos (professores e alunos) estamos na mesma dimensão, enquanto o professor não se pensar como ser humano nós vamos caminhar ainda tropeçando. **Se este tempo para reflexão não nos é dado como gostaríamos, vamos começar a criar o tempo e a nos dar o tempo. De repente assim nós começamos a selecionar os projetos que queremos. Não só os projetos que nós queremos, mas os válidos!**

Diretora Janete - EM João Barbalho

Quantas de nós conseguimos dar um passo para **transformar a escola em sujeito** em todos os segmentos que ela atua? Essa é a grande dificuldade da escola e isso está ligado à direção da escola: vejo que quase todos têm esses

ideais, mas não tem a ação. Uma diretora disse uma vez para uma secretária: a senhora pode dar toda gratificação do mundo, mas eu não posso fazer mais do que eu faço. Por que não estava na gratificação o problema, estava na formação daquela equipe. (...) Esse trabalho que vocês estão fazendo... **Eu estou aqui angustiada, quantos deveriam estar aqui e como a escola precisa desse espaço.**

Katia Edmundo - Coordenadora do Cedaps

Como superar a distância entre o que existe na prática, o que lemos nos documentos e o que temos como princípios? A educação é uma aventura e exige coragem. Vamos transformar nosso conhecimento e o que está escrito em algo prático, em uma educação com todos esses princípios que queremos.

Diretora Sonia Maria - EM Marechal Alcides Etchegoyen

Não devemos generalizar. Nós temos professores maravilhosos na rede. Eu tenho professores maravilhosos na minha escola. De uns anos para cá, a escola mudou. **A minha escola tem vida. Mas, tem um grupo que é preciso sensibilizar, mas não temos tempo para isso.** Eu quero sentar com o professor, quero conversar com esse professor, mas, às vezes, realmente falta tempo. Alguns professores recém-chegados de faculdade, com mestrado, doutorado, não têm a sensibilidade do que é uma educação, do que é tratar o aluno com amor. Não é aquele amor piegas, é amor para o futuro, amor para se dar uma educação digna para essas crianças. Então, eu peço que, **ao contratar**



Diretora Sonia Maria

esses professores que mudem esses concursos, que essas universidades não pensem só em teorias, que realmente tratem da sensibilidade desses alunos. Principalmente, nossas crianças de comunidades carentes.

Professora Luciane Ramos - EM Jornalista Carlos Castelo Branco



Professora Luciane Ramos

Nós estamos aqui porque estamos felizes também, apesar de toda dificuldade, todos os problemas que enfrentamos. É uma escola em que as pessoas estão lá porque gostam também. Acho isso tão raro. O que estamos fazendo é realmente acreditar na gestão participativa. Nós estamos juntos mesmo, então investimos em coisas na escola que acreditamos. **A reunião na EM Jornalista Carlos Castelo Branco é com todo mundo mesmo, não é só com professor, diretor. Nunca, jamais. É com diretor, com garí, com merendeira, com alguém da comunidade.** Isso deu muito certo, porque a escola começou a ver que a culpa era de todo mundo sim. Então, é um grupo que vai para lá sabendo: eu posso melhorar, eu posso fazer diferente. Nós precisamos ter uma organização até para sermos flexíveis. Precisamos ter um compromisso com metas, organização. Quando falamos em democratizar, temos a ideia de que não tem que ter rumo, não tem que ter direção e assim não dá. Na EM Jornalista Carlos Castelo Branco nós conseguimos muita coisa tendo organização e sabendo que todo mundo é importante.

Diretora Márcia Elizabeth - EM Rosa do Povo

O centro de estudos na quarta-feira, infelizmente, não é mais obrigatório. Então, muitos colegas que não tem esse compromisso buscam as minúcias da legislação para burlar justamente o que confronta o nosso desejo, que é ter

uma escola mais prazerosa, com maior qualidade e com professores que acreditem mais nos seus alunos. Faz toda diferença essa discussão. Ainda tem essa fala muito presente de que o aluno não é capaz. Isso me entristece muito na educação. Ainda temos essa crença muito presente. Há três anos que nós estamos construindo esse coletivo cotidiano de discussão. O que fez toda a diferença, porque nosso IDEB aumentou. Nosso IDERio também. Mas, eu não estou falando só de meta, estou falando de qualidade de verdade.

Diretora Adjunta Maria Cândida - EM Silveira Sampaio

Eu percebo tudo isso: a falta de tempo; um grupo quer fazer, outro grupo não quer fazer. E a gente se angustia, porque trazemos a nossa experiência de sala de aula, de que é importante estar junto do aluno, oferecer coisas diferentes. Se eu não posso dar mais tempo para o meu professor, eu quero que ele saiba e eu deixo bem claro para ele que eu apoio todas as iniciativas que tragam coisas novas



Diretora Adjunta Maria Cândida

para a escola. Se você não pode estar junto do professor o tempo todo, mas, se ele tem iniciativas, você deve apoiar esse professor. Sempre tem um grupo que quer. A questão para o grupo que não quer é de sensibilização, de mudança de postura, é se colocar no lugar do outro. Nós não podemos desanimar, temos que tentar contaminar os outros com os bons professores. Ferramenta boa é a que eu tenho na mão. Se tiver dois professores bons querendo trabalhar, é com esses que se segue. O que nós não podemos é deixar de acreditar e esse grupo faz nós acreditarmos.

SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Adélia Koff - Educadora, PUC-Rio

Como a escola é algo tão complexo, tem que se pensar mesmo no todo. Temos que pensar sempre de modo articulado em todas as dimensões. O nível político e o nível da prática existem em todos os segmentos (federal, estadual, municipal). A escola não pode perder a autoria. É ela quem está respondendo a demandas daqui e dali. Como eu me torno autora dessa proposta?

Kátia Edmundo - Coordenadora do Cedaps

O aluno construindo seu plano de estudo, seu roteiro e seu projeto. Ele é o nosso principal parceiro na construção dessa escola que queremos, dessa escola que sonhamos. O trabalho que estamos fazendo aqui traz essa ideia da construção compartilhada. Com o aluno se traz a família e a comunidade.

A proposta de uma escola coletiva. Uma proposta coletiva de escola. O que estamos, muitas vezes fazendo são propostas de trajetórias pessoais. O processo de escola é um processo de construção de uma trajetória coletiva. E isso

pressupõe uma série de atores pensando que escola nós queremos. A discussão não é: como eu ensino melhor a minha disciplina. A discussão é: como é que eu contribuo com aquilo que eu estudei na proposta de construção coletiva dessa escola. É uma mudança de pergunta que, talvez, oriente um pouco mais o processo que estamos discutindo.

Eliane Silva - Diretora - Ciep Operário Vicente Mariano

A minha expectativa com esse trabalho é que possamos apontar caminhos coletivos, além daquilo que já fazemos nas nossas escolas. E pensar a educação também a partir da gestão, autoria versus autonomia; se é uma autonomia delegada ou não. O fato é que ela já está na LDB e as escolas devem alcançar autonomia maior. Não aquela autonomia das escolas acharem que podem fazer o que quiser. Autonomia em que o outro reconhece o seu compromisso, com o sistema e com a identidade dessa escola. Quanto à sensibilização dos professores, o que eu considero como sensibilização. Seria importante trazer as falas dos professores que não estão aqui, porque nós estamos falando deles.

Rosângela Fialho - Escola Municipal Manoel Bomfim

A escola é o lugar que mais reflete a sociedade que temos. Então, convivemos com a crise o tempo todo. Existem duas crises que me angustiam demais na escola: a desesperança do professor e o desinteresse dos alunos. Precisaríamos estudar e aprender como o ser humano aprende. Então, temos a função de ensinar e precisamos humanizar esse espaço da escola, mas não temos essa visão de como alguém aprende. Sabemos que depende do interesse, mas é só isso?

Diretor Nelson Almeida Lima Jr. - EM Rosa Bettiato Záttera

Os professores estão mudando, o clima está mudando. A sensibilização do professor parte dele começar a ver o trabalho caminhar. Os professores têm que vivenciar isso que nós estamos vivenciando hoje.



Diretor Nelson Almeida Lima Jr.

Professora Jacilene - EM Henrique Dodsworth

Poderíamos dividir esse GT por foco de interesse. Dividir as escolas por tema.

Helena Bomeny - Subsecretária de Ensino

Poderíamos socializar essa discussão até para as escolas que não vieram. Cada escola vai discutir com sua equipe e pensar em propostas.

Diretor Nelson Almeida Lima Jr. - EM Rosa Bettiato Záttera

Precisamos definir o que é prioritário e vai contribuir de maneira significativa para rede.

Kátia Edmundo - Coordenadora do Cedaps

O grande desafio para o segundo segmento é pensar que ações, que recomendações, como dialogar com o conjunto da rede a partir das discussões que surgiram aqui.

Helena Bomeny - Subsecretária de Ensino

Pensar na operacionalização disso. Tentar efetivar as leis que ainda não foram implementadas. Pensar um calendário onde se possa ter não somente os dias do centro de estudos, mas também datas para reunir a comunidade inteira. Quanto ao Projeto Político Pedagógico, por exemplo, as escolas acabam dando um jeitinho para além do horário para poder discutir. Isso tinha que estar garantido, sem extrapolar o horário para isso.

Helena sugeriu ao grupo pensar o calendário escolar para 2012.

Adélia Koff - Educadora, PUC-Rio

Pensar o que a escola deve ensinar. A partir disso, pensa-se o que avaliar. Cada resposta dessas tem um mapa conceitual. Com uma pergunta inicial, várias outras perguntas e respostas surgirão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este espaço que acabamos de criar juntos aponta para uma trajetória de trabalho e produção de conhecimento autoral construída por educadores que fazem e pensam a escola hoje. Educadores que investem na educação como um caminho possível!

As reflexões e encaminhamentos do grupo serão a base dos planejamentos dos próximos encontros.

Luana Lemgruber | Área de Educação | Instituto Desiderata



Rua Visconde de Pirajá, 550 | sala 1303
Rio de Janeiro - Brasil
Tel.: 21 25298347
www.desiderata.org.br
desiderata@desiderata.org.br

O Instituto Desiderata é uma organização sem fins lucrativos que, desde 2003, trabalha no Rio de Janeiro para o fortalecimento de políticas públicas em saúde e educação que proporcionem às crianças e adolescentes: diagnóstico precoce e excelência no tratamento do câncer e ensino fundamental de qualidade. Para isso, o Desiderata atua em parceria com instituições públicas e privadas na formulação, implementação e financiamento de programas nessas áreas. Na área de Educação, o nosso compromisso é com a melhoria da qualidade no 2º segmento do Ensino Fundamental.